



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
GRUPO DE ESTUDO E PESQUISA EM PSICOPEDAGOGIA  
ESCOLAR – GEPPE**

**IV CONGRESSO DE PSICOPEDAGOGIA ESCOLAR**

**“O conhecimento psicopedagógico e suas interfaces:  
compreendendo e atuando com as dificuldades de  
aprendizagem”**



**ANAIS DO EVENTO**

**ISSN: 2179-7978**

**09 A 12 DE NOVEMBRO DE 2015**

**Os conteúdos dos textos são de responsabilidade de seus autores**

## **Entre o verão e o inverno: contrapontos para pensar a aprendizagem no contexto do PIBID<sup>1</sup> e do Programa Mais Educação**

Aldeci Cacique Calixto – PIBID /UFU – [aldeci.cacique@gmail.com](mailto:aldeci.cacique@gmail.com)  
Bruna Gomes Silva – PIBID/UFU – [brugs18@gmail.com](mailto:brugs18@gmail.com)  
Simone Nunes Morais Dantas – PIBID/UFU – [simonendantas@hotmail.com](mailto:simonendantas@hotmail.com)

Eixo Temático: Aprendizagem e dificuldades de aprendizagem

**RESUMO:** O presente trabalho insere-se no contexto de desenvolvimento “Programa Mais Educação” como parte das atividades do Programa de Iniciação a Docência – PIBID em Escola Municipal da periferia da cidade Uberlândia. O objetivo deste estudo é analisar as atividades do Programa “Mais Educação” desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID. Ao nos debruçar sobre o trabalho realizado alcançando seus limites e as possibilidades, metaforicamente, nos colocamos entre o inverno e o verão. As atividades desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID tiveram como foco o desenvolvimento de habilidades sociais tendo como base estudos que apontam uma co-ocorrência entre comportamentos problemáticos e dificuldades de aprendizagem. Os resultados deste estudo indicam aspectos positivos quanto ao desenvolvimento de habilidades sociais e repercussões igualmente positivas no desempenho dos alunos também puderam ser indicadas. Entende-se, contudo, os limites desta investigação inicial e a necessidade de aprofundamento nas investigações.

**Palavras-chaves:** – PIBID – habilidades sociais – ensino/aprendizagem

Entre o verão e o inverno há o outono. Na vida há momentos de indecisão, quando não se sabe direito se vai esfriar ou esquentar e, às vezes, tudo acontece no mesmo dia (especialmente para quem é paulistano). São momentos e tempos reservados para meditar, refletir... (Oswaldo Paião)

Não é de hoje que o Estado se configura como indutor de políticas e práticas educativas. Neste trabalho abordaremos dois programas criados e geridos pelo Governo Federal, a saber o PIBID – Programa de Iniciação a Docência e o “ Mais Educação”. Temos como objetivo analisar as atividades do Programa “Mais Educação” desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID e entender de que maneira os programas tem sido postos em prática no contexto de uma escola pública de Uberlândia-MG.

---

<sup>1</sup> Projeto PIBID/ UFU – financiamento CAPES

A presença das equipes do PIBID nas escolas tem nos oferecido novas perspectivas sobre certos programas que vão além de apenas observar, analisar. Colocamo-nos na condição de vivenciar a experiência tanto do próprio PIBID quanto do “Mais educação”. Defendemos que vivenciar os dois programas não nos impede de observar e analisar, mas o fazemos talvez de um ponto de vista privilegiado. Colocamo-nos, metaforicamente, entre o inverno e o verão, já que nos foi possível mirar os limites e as possibilidades, os avanços e os retrocessos, os sucessos e as iniciativas nem tão exitosas.

Como bem nos recomenda a epígrafe do texto, estar entre o inverno e o verão, neste ponto em que não se pretende esfriar ou esquentar, mas que é um convite ao pensar, ao refletir.

## **1. O Programa Mais Educação**

Pode-se dizer que desde os tempos antigos a questão do modelo de escola em tempo integral vem sendo discutida. Na Grécia antiga já se trabalhava com essa ideia de instauração deste formato de escola, visando uma formação humana mais completa, contando com a composição de corpo e espírito.

Na atualidade e no contexto brasileiro, a tentativa de implantar uma estrutura educacional na qual o aluno permaneça um tempo maior na escola (dois turnos) foi uma medida tomada pelo governo federal na tentativa de propiciar ao aluno uma maior atenção e desenvolvimento no processo de ensino/aprendizagem. Considerando todos os aspectos formativos envolvidos no ato educativo, tendo-se em conta as transformações constantes que a sociedade experimenta e tal iniciativa visa preparar o aluno para o enfrentamento dos desafios que serão encontradas no decorrer de sua trajetória escolar, pessoal e profissional.

Segundo o PDDE – Manual de Educação Integral - o modelo de escola integral se dará via a ampliação do tempo na instituição, espaços e oportunidades educativas, inseridas com o objetivo de qualificar o processo educacional e promover um melhor aproveitamento dos alunos. Entendendo essa necessidade de instaurar uma instituição de tempo integral, o Ministério da Educação inseriu o “Programa Mais Educação” pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10:

O “Programa Mais Educação” surge por esta via com a finalidade contribuir para a melhoria da aprendizagem por meio da ampliação do tempo de permanência de crianças, adolescentes e jovens “matriculados em escolas públicas, mediante oferta de educação básica em tempo integral” (Art. 1, Decreto nº 7.083/10).

Segundo as orientações do próprio Ministério da Educação a adesão ao projeto “Mais Educação” tem que ser realizada pelo site PDDE Interativo, independente se a instituição já participou do mesmo ou pretende participar pela primeira vez. As instituições públicas que fazem a adesão ao projeto desenvolvem atividades que envolvem o acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica (Art.1, § 2 do Decreto nº 7.083/10). Para a efetivação dessas oficinas segundo Ponce e Barros Neta (2011, p. 8), o “Programa Mais Educação” recorre a:

[...] realização de arranjos locais e de parcerias com a comunidade para a utilização dos espaços, não apenas porque a escola não possui locais adequados para a realização das atividades do programa, mas também porque fora da escola há espaços considerados potencializadores da aprendizagem que devem ser explorados. Porém, quando essas parcerias não se concretizam, os resultados podem ficar comprometidos. Os gestores escolares apontam que para colocar em prática uma proposta de educação integral é preciso readequar suas equipes pedagógicas, de apoio administrativo, de limpeza, de merenda, etc. Nem sempre governo e escola estão preparados financeiramente para realizar os investimentos necessários e agir embasados teoricamente numa concepção de educação diferente da tradicional. A escola toda precisa estar convencida, envolvida e comprometida em uma nova proposta educacional em que a tarefa de educar deve ser compartilhada entre profissionais da educação e de outras áreas, família, e outros atores sociais.

Conforme o FNDE Resolução 020\_06/05/2011 – Manual de Educação Integral -, o financiamento do Programa Mais Educação destina-se às escolas públicas das redes municipais, estaduais e do Distrito Federal, que possuem estudantes matriculados no ensino fundamental e no ensino médio conforme os critérios definidos no Programa.

## **2. Iniciação a Docência: viver a escola na experiência do PIBID**

Os anos 90 do século XX e a primeira década do século XXI presenciaram inúmeras ações do governo federal no sentido de normatizar, dinamizar, avaliar e garantir qualidade a educação nacional. A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB sancionada em 1996 é um marcador desta intenção. Vinda de um processo de cerca 10 anos tramitando no

legislativo, a lei tem sua aprovação como resultado de um esforço coletivo no sentido de não mais protelar o enfrentamento a questões da qualidade do atendimento educacional no país.

Neste contexto se inserem as preocupações com a qualidade da formação inicial dos docentes mesmo após o cumprimento da chamada “década da educação” prevista pela LDB. Martins et al (2012) discutem a tradição histórica nos currículos de formação para docência da separação teoria e prática situando o estágio como ponto de inserção do licenciando na prática. Os autores apontam também que:

Dentre os problemas que afetam a qualidade da formação desses profissionais, destaca-se o distanciamento de sua formação inicial com seu futuro campo de atuação profissional, ou seja, comumente o licenciando tem sua inserção nesse espaço apenas nos últimos semestres de seu curso de licenciatura, via Estágio Curricular Supervisionado” (MARTINS et.al, 2012. p. 4209)

Uma das ações do governo federal no sentido de viabilizar a inserção do docente no campo profissional é o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). O Decreto Nº 7.219, de 24 de junho de 2010 que institui o PIBID, qualifica-o como um programa que procura fomentar, mediante a concessão de bolsa de iniciação à docência a alunos de cursos de licenciatura, o exercício por parte dos docentes em formação de atividades pedagógicas em escolas públicas de educação básica.

Quanto a esta atividade principal é interessante observar o que se registra em pelo menos dois documentos oficiais. No Portal do MEC há uma apresentação sucinta do PIBID. O texto da apresentação registra como objetivo do Programa “antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública”.<sup>2</sup> No portal da Capes<sup>3</sup> são expressos outros seis objetivos que constam do artigo 3º. do Decreto de criação do Programa:

- Incentivar a formação de docentes em nível superior para a educação básica;
- contribuir para a valorização do magistério;
- elevar a qualidade da formação inicial de professores nos cursos de licenciatura, promovendo a integração entre educação superior e educação básica;
- inserir os licenciandos no cotidiano de escolas da rede pública de educação, proporcionando-lhes oportunidades de criação e participação em experiências metodológicas, tecnológicas e práticas docentes de caráter inovador e interdisciplinar que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-aprendizagem;

---

<sup>2</sup>[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=233:pibid-apresentacao&catid=155:pibid&Itemid=467](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=233:pibid-apresentacao&catid=155:pibid&Itemid=467) . Acesso em 07 set 2015.

<sup>3</sup><http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid>. Acesso em 07 set 2015.

- incentivar escolas públicas de educação básica, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério; e
- contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

Observe-se que o Decreto que institui o PIBID não somente faz alusão à iniciação dos docentes no campo profissional no título do Programa e como objetivo anuncia de forma geral a inserção dos licenciandos no cotidiano de escolas públicas. Entretanto, há que se pensar em certo compromisso pelas entrelinhas que esta iniciação tenha caráter de antecipação. Muito provavelmente numa tentativa de superação do modelo no qual a prática era vista como campo específico dos estágios frequentemente colocados ao final dos cursos. A propósito desta ideia Martins et al (2012, p. 4210) reconhecem que:

O PIBID, assim como o Estágio Curricular Supervisionado, reconhece a escola como contexto importante na formação do profissional docente. Também se fundamenta na ideia de que a convivência entre pares com diferentes percursos e saberes oportuniza diálogos, interações e situações, aprendizagens duradouras e necessárias à formação e identificação profissional do futuro professor. A inserção dos licenciandos na escola, o reconhecimento do potencial formativo desse contexto e a presença de profissionais experientes no acompanhamento dos alunos são algumas das interfaces entre o estágio curricular e o PIBID.

Ao promover a interação entre a universidade e as escolas de Educação Básica o PIBID também constrói a oportunidade de formação continuada aos professores em atuação e a possibilidade de melhoria na qualidade das práticas desenvolvidas. (CAVALHEIRO, 2015)

O PIBID é executado no âmbito da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que, segundo o Decreto No. 7.219/2010, foi incumbida de promover chamadas públicas de projetos para o PIBID, por meio da publicação de edital, cabendo às instituições de ensino superior - IES, qualificadas pelo próprio Decreto, encaminharem suas propostas. A destinação das bolsas constrói uma equipe em cada escola. Tanto equipes quanto escolas são selecionadas pela IES conforme critérios e procedimentos estabelecidos no Projeto PIBID institucional. A equipe é formada pelos graduandos, por um professor da escola que atua como supervisor e por professor da IES que atua como coordenador.

Além dos aspectos formais e de organização que caracterizam o PIBID é importante, no contexto do presente trabalho, destaca-lo como espaço de vivência de situações de ensino/aprendizagem, de interação. Como descrito por Moura (2013, p.2)

A interação das crianças com outras crianças traz avanços significativos para a promoção da aprendizagem, esta se dá especialmente nas brincadeiras quando as crianças se imitam, se opõem, disputam objetos, criam enredos improvisam falas etc.

A interação das crianças com o adulto também é necessária porque estabelece modelos de ação, apoia as iniciativas infantis e acolhe medos e inseguranças das crianças. Podendo aprender a utilizar certos objetivos de modo competente, formular concepções sobre o mundo e a trabalhar as emoções.

É com o foco nas situações de ensino/aprendizagem desenvolvidas pelos bolsistas do PIBID suas repercussões na formação de habilidades sociais e a decorrência disto no desempenho dos alunos que continuaremos a construção do texto no item a seguir.

### **3. A questão das dificuldades de aprendizagem e atividades do PIBID na escola: um processo investigativo**

O presente estudo foi desenvolvido tendo como foco as atividades do “Programa Mais Educação” realizadas em escola do Sistema Municipal de Ensino de Uberlândia - MG. A escola está situada em bairro periférico e foi inaugurada no dia 31 de outubro de 2012, na zona sul da cidade. Trata-se, portanto, de escola nova e que atende moradores do próprio bairro, em sua maioria famílias carentes, contempladas por meio do programa “Minha casa, Minha vida”.

As atividades do “Programa Mais educação” são desenvolvidas na escola com o apoio dos bolsistas do PIBID. O apoio ao Programa é apenas uma das ações do PIBID na escola. São sete bolsistas, supervisionados por um professor da própria escola e coordenados por um professor da Universidade Federal de Uberlândia. Os alunos participantes são do 4º e 5º ano e estão divididos em duas turmas sendo uma no turno da manhã e outra no turno da tarde com 20 alunos em cada.

Os bolsistas do PIBID vão três vezes por semana à escola desde 2014. As atividades de apoio ao “Mais Educação” que tiveram início em 07/05/2015 se desenvolvem das 9h e 30min às 10h e 30min para os alunos das turmas vespertinas e de 14h às 15h para os alunos das turmas matutinas.

Geralmente são indicados para participar das atividades do Programa alunos com dificuldades de aprendizagem evidenciadas por baixo desempenho em sala e quase sempre acompanhado por relatos de comportamentos de indisciplina. Este perfil fica evidente na fala de uma das professoras entrevistadas:

“Os meninos que frequentam o “Programa Mais Educação”, eles tem bastante dificuldade na leitura, escrita, convívio social, indisciplina mesmo e desinteresse.” (Professora 1)

Falta de comprometimento, não tem disciplina, a falta de socialização, regras do dia-a-dia, eles não tem. (Professora 2)

O presente estudo baseou-se nos relatos dos bolsistas e em entrevistas com três professores cujos alunos participam do “Programa Mais Educação” e três alunos que participam do Programa.

Com vistas a caracterizar as atividades desenvolvidas, optamos por descrevê-las de forma mais breve, fazendo um condensado dos relatos dos bolsistas e incluindo as impressões em relação as habilidades sociais mobilizadas e evidenciadas. Consideramos que:

...o conceito de habilidades sociais parece ser adequado e central para analisar as interações sociais e considerando que a aprendizagem é um processo de construção social do conhecimento que ocorre na interação do sujeito com seu meio, é razoável supor a existência de relações entre dificuldades de aprendizagem e déficits em habilidades sociais. (MOLLINA e DEL PRETE, 2006. p.55)

a. Leitura coletiva e debate:

Foi escolhido para ser trabalhado o livro: “O grãozinho de areia em cordel” de Fernando Paixão. O livro conta a história de um grãozinho de areia, que tinha muita vontade de sair do lugar onde morava. Foi realizada uma leitura coletiva onde cada aluno lia uma página. A estratégia evidenciou que os alunos tinham muitas dificuldades: identificar as letras, sílabas, pronúncias e de seguir a leitura. Após a leitura, conversamos sobre a perseverança do grão de areia, pedimos que comparassem as atitudes e sonhos do grãozinho de areia às próprias realidades, perguntando a elas quais eram seus sonhos, não somente para o presente mas que tentassem imaginar daqui há 10 anos, o que eles gostariam de ser, fazer e foi proposto para que todos desenhassem sua resposta.

b. Bingo Matemático:

Foi confeccionadas cartelas de bingo em E.V.A. somente com resultados e diversas peças utilizando as quatro operações fundamentais. Era sorteado e ditado uma peça com a operação e as crianças tinham que encontrar o resultado em sua cartela. Inicialmente, as crianças tiveram dificuldades de identificar o algoritmo a partir da enunciação oral do mesmo. As crianças foram arguidas sobre o modo como operaram para obter o resultado. A todo momento foi deixado a disposição das crianças alguns materiais que poderiam auxiliar na resolução das contas como palitos de picolé, tampinhas, lápis e papel.

c. Resolução de Problemas:



Dividas em pequenos grupos, as crianças receberam dois problemas matemáticos. De inicio foi observado que as crianças tiveram mais dificuldade em entender, interpretar o problema e depois em resolver a operação. Na sequencia as crianças foram desafiadas a produzir um problema para o outro grupo. Observamos que as crianças ficaram muito empenhadas e dedicadas na construção da atividade. Após todos concluírem fizemos as trocas das atividades eles ficaram entusiasmados em ver seus colegas resolvendo uma atividade que eles mesmos que construíram.

d. Jogo concentração:

Levamos as crianças para um gramado próximo da quadra e propomos um jogo chamado Concentração. É um jogo cognitivo que desenvolve a atenção, compreensão, a memória, sequência lógica. A atividade consiste em todos ficarem prestando atenção para quando serem chamados repetir e não errar o ritmo, caso errem sairão da atividade.

e. Quebra cabeça:

Levamos três jogos de quebra cabeça que depois de montados forma uma única imagem. Para se trabalhar em grupo houve um pouco de resistência, algumas crianças queriam montar o quebra cabeça sozinhas. Foi explicado para as crianças que nós dependemos um do outro, pois são as peças juntas que formam a imagem final e não vários pedaços separados. Era preciso ter união, trabalho em equipe. Após essa explicação foram dando mais espaço para o colega tentar encaixar alguma peça. Foi muito gratificante ver com que as crianças aprenderam saber esperar sua vez e ter um pouco mais de paciência com o colega.

4. Quebra cabeça com cenário

Selecionamos uma cena de um texto retirado de um livro, com ela confeccionamos um quebra cabeça onde as crianças tinham que montar o quebra cabeça e depois observar a cena. Após essa observação pedimos que as crianças elaborassem uma redação baseada na imagem formada com o quebra cabeça. As crianças gostaram bastante, pois o quebra cabeça tinha um formato diferente e pelas imagens serem bem ricas de detalhes, se podia criar um bom texto.

5. Gincana.

Decidimos trabalhar um pouco com as crianças fora de sala, com isso elaboramos uma gincana.

- a. Quebra cabeça: Fizemos dois quebra cabeça grande e escondemos as peças no gramado onde estávamos desenvolvendo a gincana. Cada um dos dois grupos formaria um quebra cabeça com uma imagem diferente. Ambas as imagens tinha o mesmo número de peças. A equipe que conseguisse montar o quebra cabeça em menos tempo ganhava a prova. A equipe que venceu, conseguiu se organizar melhor, delegou funções para os participantes, enquanto na outra equipe todos foram buscar peças ao mesmo tempo, tentaram montar o quebra cabeça, mas deixaram peças caírem no chão, perderam peças no caminho e não encontraram todas as peças.
- b. Estoura balão - escrevemos em duas tiras de papel uma frase, recortamos em 7 pedaços e colocamos cada pedaço dentro dos balões. Enchemos os balões e penduramos. Cada equipe tinha uma cor de papel e balão diferente para não misturar durante a prova. As crianças teriam que estourar o balão, pegar um pedaço da frase e depois de obter todos os pedaços teriam que formar a frase. Venceria quem formasse em menos. As duas equipes saíram em disparada, estouraram todos os balões de uma vez e os papéis caíram longe, os papéis se misturaram e aumentou a dificuldade para a montagem da frase. Contudo, a equipe vencedora teve mais organização na montagem da frase.
- c. Encha a garrafa: Cada equipe deverá ter igual número de participantes e formar duas colunas e em uma ponta uma garrafa vazia e em outra ponta uma cheia, onde o último encherá um copo com a água da garrafa cheia e irá passando para o copo do companheiro da frente, cada um da equipe terá um copo. Vence quem encher a garrafa vazia em menor tempo. Foi bem interessante essa atividade pois uma das equipes terminou primeiro mas não conseguiu encher a garrafa na marcação exigida. Eles foram muito rápidos e esqueceram-se de prestar atenção na água, derramaram grande parte dela enquanto o outro grupo demorou um pouco mais, porém encheu a garrafa além da marcação exigida.
- d. Corrida de cadarços: Corrida de duplas, de ida e volta, onde os participantes correm com os cadarços amarrados. Para evitar acidentes, optamos por utilizar barbantes para amarrar uma perna na outra. As crianças iam, davam a volta pelo cone e retornavam. Se caísse, levantaria e continuaria, mas se o barbante arrebentasse teria que voltar e começar de novo. Ganharia o grupo em que todas as duplas completassem o percurso. Nessa atividade as crianças a princípio ficaram bem animadas, mas quando elas viram que não era apenas sair correndo, que teriam que ter um sincronismo, que corriam o risco do barbante arrebentar eles queriam desistir, mas ficamos animando eles, motivando até que passamos a vê-los planejando o que iam fazer, se iam pular ou dar passadas sincronizadas, eles utilizaram dos erros dos colegas e até deles mesmos para mudar de tática.
- e. Arremesso de bola com vendas: Cada equipe escolhe o seu representante. Os dois jogadores têm seus olhos vendados e são girados para confundir a orientação. O objetivo é acertar a bola dentro de um cesto. Como eles estavam vendados, a equipe poderia ajudar dando dicas como: virar para esquerda, dar dois passos, etc. Ganharia quem acertasse em menos tempo a bola no cesto. Uma das equipes decidiu que apenas um do grupo ia guiar o colega vendado e já a outra decidiu que todos iam falar ao mesmo tempo para guiar seu representante. Venceu a equipe que todos falaram ao mesmo tempo.
- f. Circuito: Montamos um circuito em que as crianças tinham que pular uma corda, passar pelo túnel, pular nos bambolês, passar pelos cones fazendo zig-zag e dar duas cambalhotas nos colchonetes. Primeiro foi uma equipe, foi cronometrado o tempo e depois a segunda equipe. Comparamos os dois tempos e venceu a equipe que fez em menos tempo. Algumas crianças não quiseram participar da prova

e outras que queriam realizar o trajeto novamente. Nesta última prova as crianças já estavam mais organizadas pois a diferença do tempo entre uma equipe e outra foi de apenas três segundos.

No final da gincana as equipes ficaram empatadas, conversamos com eles e pedimos para eles apontassem se tiveram falhas e onde, em que poderiam que melhorar. As crianças falaram que faltou organização por parte deles, faltou trabalhar em equipe. Falamos com eles que não íamos fazer uma prova de desempate, pois o que vale é competir e não somente achar uma equipe campeã.

#### **4. Análise das atividades: contrapontos para pensar as dificuldades de aprendizagem**

Se por um lado não se fugiu do tipo de atividades que normalmente ocorrem nas escolas em relação ao trabalho com jogos, brincadeiras, dentre outros, foi possível perceber que preservar o caráter lúdico pode ser uma estratégia importante:

É fundamental que se assegure à criança o tempo e os espaços para que o caráter lúdico do lazer seja vivenciado com intensidade capaz de formar a base sólida para a criatividade e a participação cultural e, sobretudo para o exercício do prazer de viver, e viver, como diz a canção... como se fora brincadeira de roda... (MARCELLINO, 1996, p. 38)

As atividades desenvolvidas recorrem não só a natureza lúdica, mas exploram com intensidade o trabalho coletivo e o desenvolvimento de habilidades de sociais:

As crianças precisam brincar para que aprendam, de forma prazerosa, a interagir, comunicar-se, desenvolver suas aptidões físicas e intelectuais, adquirir autoconfiança, explorar seus sentimentos e integrar-se na família, na escola, na comunidade. (ALQUÉRES, 2005. p.8)

Nossa percepção era de que no trabalho com a interação, com o coletivo, em especial das crianças com os bolsitas, lançando mão da experimentação e da aceitação a regras e limites no contexto de competição haveria um avanço no desenvolvimento das habilidades sociais e este fato poderia contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem.

Bandeira (2006, p. 201) entende que a aquisição de habilidades sociais promovem “uma melhor interação e comunicação interpessoal, incluindo a capacidade de resolver conflitos interpessoais ou problemas interpessoais, pode prevenir ou diminuir a ocorrência de comportamentos problemáticos ou anti-sociais.”

Nas entrevistas com as professoras, em relação a contribuição das atividades do Programa em melhora do desempenho dos alunos as respostas foram positivas:

Nossa! De grande valia, isso tinha que ser começado desde o primeiro ano, não pode deixar pro fim, acho que se fizer uma base no primeiro, segundo e

terceiro ano, chegando no quarto não vão ter grande dificuldade na leitura e escrita. (Professora 2)

Os comportamentos de indisciplina que são indicados no perfil do aluno que participa das atividades são também retomados na avaliação dos professores sendo associado ao avanço do aluno em outros aspectos:

Indisciplina, a maioria, que melhora muito. No ensino aprendizagem é leitura e escrita as principais dificuldades. (Professora 3)

Num levantamento de Bandeira et al (2006) são vários os estudos que apontam uma co-ocorrência entre comportamentos problemáticos e dificuldades de aprendizagem (Del Prette & Del Prette, 2003; Ferreira & Marturano, 2002; Marinho, 2003; Marturano & Loureiro, 2003; Medeiros & Loureiro, 2004; Medeiros, Loureiro, Linhares, & Marturano, 2000; Parreira & Marturano, 1996).

As entrevistas com as crianças indicam que os próprios alunos começam a entender as dimensões das atividades do Programa “Mais Educação”, o prazer envolvido na participação e os avanços nos conteúdos formais:

Eu gosto pois quando eu entrei pro projeto minha letra era um pouco ruim aí melhorou um pouco e também minha matemática e meia fraca, melhorou e também gosto muito das atividades que a gente faz no quiosque, das gincanas, são muito boas. Gosto mais das gincanas, dos jogos de matemática, dos trabalhos em grupo. (Criança 1)

Sim, há eu gostei muito da gincana, do e de todas as aulas. (Criança 3)

Porque antes eu não sabia ler, escrever, não sabia montar as palavras. (Criança 3).

Entretanto, uma professora relata que a participação do aluno no Programa tem sido usada por ela como recurso disciplinar:

Uso como recurso com os meus alunos do 5º ano para disciplinar... o Programa, pois, eles não querem perder de forma alguma. Então, eles têm melhorado no para- casa, nas tarefas, pra estudar em casa, comprometimento. Os meus notei todos esses pontos positivos. (Professora 3)

É importante destacar que a identificação e possível análise das estratégias usadas na sala de aula regular (fora do “Projeto Mais Educação”) no tratamento das questões disciplinares não foram consideradas dados os limites de extensão do trabalho de pesquisa.

## **5. Considerações finais**

Um caminho frequentemente visto nas escolas para lidar com as dificuldades de aprendizagem lança mão de estratégias de retomada do conteúdo ensinado, recorre a atividades que coloquem o aluno novamente em contato com o conhecimento a ser aprendido. Tais atividades ou repetem o que o sala de aula regular já faz ou tentam colocar outras

alternativas mas, de um jeito ou de outro, sempre se está lidando com o conteúdo, com o conhecimento a ser aprendido de forma direta.

Este estudo partiu da premissa teórica de que o enfrentamento dos comportamentos problemáticos aqui entendidos como problemas de disciplina pode trazer repercussões no desempenho dos alunos na aprendizagem dos conteúdos específicos.

A análise das atividades desenvolvidas pelos bolsistas tida como objetivo deste estudo sinaliza que um caminho possível para este enfrentamento está no desenvolvimento de habilidades sociais. Tentou-se desviar o foco do conteúdo num primeiro momento.

Reconhece-se que mais estudos precisam ser feitos no sentido de avaliar a questão do desenvolvimento das habilidades sociais e sua contribuição no processo ensino/aprendizagem tanto qualitativamente quanto quantitativamente. A proposta de aprofundar este primeiro movimento de análise aqui registrado é sem dúvida o desafio seguinte aos bolsistas e a todos os envolvidos tanto no PIBID quanto na dinâmica da escola.

## Referências

ALQUÉRES, Hubert . Ensinando a brincar e a viver (prefácio).In: SIAULYS, Mara O. Campos. <b>Brincar para todos</b> . São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Laramara, 2005.
BANDEIRA, Marina et al. <b>Comportamentos problemáticos em estudantes do ensino fundamental: características da ocorrência e relação com habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem</b> . <i>Estud. psicol. (Natal)</i> [online]. 2006, vol.11, n.2, pp. 199-208.
BRASIL. Manual de Educação Integral para Obtenção de Apoio Financeiro Através do Programa Dinheiro Direto na Escola – PDDE. Brasília, 2009.
CAVALHEIRO, Cláudia Pinto de Lima. et. al. <b>A inserção e as ações do PIBID/UNIFRA subprojeto Pedagogia na Escola Walter Jobim</b> . Anais eletrônicos da XVI Jornada Nacional de educação UNIFRA, 2012. Disponível em: <a href="http://jne.unifra.br/artigos/4907.pdf">http://jne.unifra.br/artigos/4907.pdf</a> Acesso em 07 set 2015.
MARCELLINO, Nelson C. <b>Pedagogia da Animação</b> . Campinas: Papirus, 1989.
MARTINS, Maria Márcia Melo de Castro; FARIAS, Isabel Maria Sabino de. CAVALCANTE. Maria Marina Dias. <b>Que contam os licenciandos de Biologia?</b> Anais do XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino. UNICAMP, Campinas: 2012.
MOLINA, Renata Cristina Moreno e DEL PRETTE, Zilda Aparecida Pereira. <b>Funcionalidade da relação entre habilidades sociais e dificuldades de aprendizagem</b> . <i>Psico-USF (Impr.)</i> [online].

2006, vol.11, n.1, pp. 53-63. ISSN 1413-8271.

MOURA, Jannayny Maria de. **A escola como espaço de interação social**: uma análise a partir das vivências do PIBID no Curso de Pedagogia. Anais eletrônicos do V FIPED – Fórum Internacional de Pedagogia. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Campus de Vitória da Conquista: 26 a 28 de junho de 2013. Disponível em: [http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho\\_Comunicacao\\_oral\\_idinscrito\\_218\\_a29857eb346f1da39114d14f69421a48.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Trabalho_Comunicacao_oral_idinscrito_218_a29857eb346f1da39114d14f69421a48.pdf). Acesso em 7 set 2015.

PONCE, Carla Sprizão; BARROS NETA, Maria Anunciação Pinheiro. **Implantação do programa Mais Educação no Município de Sinop- MT**: Um estudo de caso. Seminário de Educação 2011: Educação e Relações Raciais, UFMT. MT.